

ONDE ANDA SÉRGIO?

[OU, COMO DIRIA EGUIMAR CHAVEIRO ... NOTAS SOBRE OS DESLOCADOS DO MUNDO]

Alex Franco

[Artista gráfico]

Na minha infância, pessoas deficientes e, em especial as crianças, eram chamadas de retardadas. A explicação que davam a nós, as “crianças normais” era a de que elas tinham um atraso, não conseguiam acompanhar nosso desenvolvimento, eram mais “lerdas”. De forma simplista nos diziam, por exemplo, que meninos ou meninas retardados, com sete ou oito anos de idade, teriam o comportamento de crianças de três ou quatro anos.

Neste cenário, por iniciativa de minha mãe, eu fui apresentado ao Sérgio, uma criança “excepcional”, outro termo usado naqueles tempos. A intenção de dona Laura era, de certa forma inclusiva, queria que eu me tornasse amigo dele, não de uma forma natural, não como uma amizade comum, dessas que nascem espontaneamente na rua, no campinho ou na escola, mas criando um relacionamento forçado. Lembro de suas conversas, dizendo explicitamente que dona Lourdes, a mãe de Sérgio, escondia o próprio filho, que talvez ela se envergonhasse dele e que, por isso, tinha sugerido a ela que eu me tornasse seu amigo. Disse explicitamente que eu deveria ir até lá brincar com o garoto, conviver com ele. Sérgio era filho do farmacêutico e, mesmo eu conhecendo o Sr. Weston, por frequentar a farmácia, jamais soubera que ele tinha um filho da minha idade.

O garoto era literalmente escondido pelos pais, dona Lourdes não saía com ele à rua, eu jamais o tinha visto.

Aliás era exatamente isso que minha mãe dizia em tom de condenação, interessante notar que, mesmo não sendo uma pessoa estudada, ela adotava esse discurso de inclusão, sentia-se tocada pelo fato de o garoto viver praticamente isolado. Ela definitivamente não concordava com isso. Confesso que, ao ser comunicado dos planos já definidos entre as mães, me senti constrangido, mas como crianças daquela época obedeciam aos pais e pronto, tive que superar a timidez e me apresentar na casa deles, que ficava no andar de cima da farmácia, a um quarteirão e meio de casa.

Vencida a escadaria, toquei a campainha, segundos de ansiedade até que dona Lourdes atendesse, ao lado de Sérgio. Olá, Alex, disse ela, este é o Sérgio, sabia que vocês têm a mesma idade?

Acho que serão bons amigos. Em seguida me encaminhou ao quarto do menino. O ambiente me deixou surpreso, eu que não tinha um quarto pra chamar de meu, menos ainda com tantos brinquedos, fiquei até meio perdido, mas começamos nossas brincadeiras.

Obviamente que, passados mais de cinquenta anos as imagens guardadas na memória já estão um tanto desbotadas, não sei precisar quanto tempo durou este relacionamento, não dá pra dizer quantas tardes passamos juntos brincando, sei que minhas visitas não eram diárias e que, se no início eram entediadas, apesar dos brinquedos, aos poucos fui me acostumando e até gostando de brincar com o amigo “diferente”.

A vida andou e eu, sinceramente não me lembro de como nos afastamos. Hoje, com a oportunidade de escrever nesta coluna, visito meu passado buscando nele cenas que dialoguem com os dias atuais. Imito o Eguimar em seu texto “Onde anda Eri?” (leia) e me pergunto: onde anda Sérgio? Tal como Eri, o amigo de Eguimar, Sérgio pode estar em qualquer lugar do planeta, tal como Eri o presente de Sérgio é indefinido para mim e, pior, o que vejo é muito triste, não bastassem os deslocados ditos normais, tão bem definidos e identificados no texto referência, escancara-se agora outra face cruel da operação deslocamento. O que aconteceu ao Sérgio?

Teria conseguido algum tipo de inclusão social?

Foi, de alguma forma, habilitado profissionalmente?

Vive abandonado em alguma instituição especializada?

Sub vive indigentemente pelas ruas do país?

Não saber onde anda Sérgio entristece, mas entristece ainda mais a perversidade que nos rodeia, quando um ministro de estado diz com todas as letras que crianças deficientes atrapalham o desenvolvimento das demais e que elas devem ser segregadas em classes e ou escolas “especiais”, as perguntas que ficam são:

O que virá depois disso?

Em que período da história mundial os “diferentes” foram primeiramente segregados e depois eliminados?

O que será feito dos sérgios deste país?

O que estamos fazendo a respeito?

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.